



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2013: SIC - XXV SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2013
<b>Local</b>	Porto Alegre - RS
<b>Título</b>	Júlio Bressane e os Jogos de Designação
<b>Autor</b>	CÁSSIO DE BORBA LUCAS
<b>Orientador</b>	ALEXANDRE ROCHA DA SILVA

## JULIO BRESSANE E OS JOGOS DE DESIGNAÇÃO

*Júlio Bressane e os jogos de designação* integra o projeto de pesquisa *Teorias em dispersão dos cineastas brasileiros sobre o audiovisual* e investiga a construção do referente no filme *O Mandarim* (1995), partindo de sequências que apresentam personagens históricas da música brasileira (Mário Reis, Sinhô, Carmen Miranda, Noel Rosa, Tom Jobim). A partir do procedimento metodológico da serialização, fundamentado na *Lógica do Sentido* (1969), de Gilles Deleuze, investigaram-se os modos de indicação que o diretor engendra em seu filme.

Nota-se que há, primeiro, um tipo de designação tradicional em que o ator representa seu personagem, ainda que a partir de procedimentos bastante diversos: Fernando Eiras faz uma representação icônica de Mário Reis, dublando canções e gesticulando como o representado; Gil também representa Sinhô, mas adiciona elementos estilísticos próprios quando canta, somando ao signo indicial de Sinhô o seu próprio estilo; e Gal representa Carmen Miranda por procedimentos simbólicos de inversão: a imagem é sóbria, o ritmo é bossanovista e a gesticulação, contida.

Depois, um novo jogo de designação aparece com Noel Rosa interpretado por Chico Buarque. O ator, aqui, canta duas canções do compositor representado: *Provei e Filosofia*. Por sua vez, também Chico tem canções suas interpretadas no filme (*A Banda*, cantada por Mário Reis em uma gravação de 1971, e *Voltei a cantar*, cantada pelo ator Fernando Eiras, que representa Mário). Tudo isso sugere que o foco interpretativo se desloca do referente representado para o próprio processo de semiose: Noel, que era representado por Chico, que era interpretado por Mário, que era representado por Eiras. Entre todos eles percebe-se uma espécie de linha estilística contínua, como se fossem os sambas que produziram seus autores, e não o contrário.

No terceiro jogo de designações identificado, Edu Lobo é chamado de Tom Jobim, personagem que diz a Mário Reis (interpretado por Fernando Eiras) que lhe cantará um choro composto com Noel Rosa. Interpreta, porém, *Choro Bandido* (1986), que é de sua autoria (Edu Lobo) com Chico Buarque (intérprete de Noel no filme). O transe da designação chega, aqui, ao seu ponto culminante: Edu se expressa na canção como ele mesmo (a versão do filme é bastante semelhante à de estúdio), e, no momento em que há uma participação de Tom Jobim, é o personagem Mário Reis quem intervém e canta como Tom. O jogo transforma-se em um transe que faz o representante e o representado perderem suas identidades. Parece haver uma só e mesma música para todas as músicas produzidas.

A partir da análise em conjunto dessas séries e de sua observação do ponto de vista da proposição (ainda conforme Deleuze), pode-se verificar uma tendência no cinema de Júlio Bressane de promover a desconstrução das estratégias de designação em direção a um cinema cuja lógica é a do sentido fabulado.